O HOMEM LIVRE

EM LUTA CONTRA:
— a improvisação;
— o farisaísmo dos pseudos sábios;
— as falsas elites;
— o primarismo e o negativismo filosófico.

MAS A FAVOR:
— da cultura em profundidade;
— da liberdade justa;
— do conhecimento honesto;
— da filosofia positiva e concreta.

UM ESFÔRÇO EM LUTA CONTRA AS TREVAS

ANO I | SÃO PAULO — Outubro de 1964 | N.º 1

Aos que ainda têm algum brio dentro de si

Leitor amigo

Um olhar panorâmico da atual realidade, desde logo ressalta que vivemos uma época de propaganda desenfreada da indecência. Uma valorização acentuada do inferior, uma especulação desmedida na baixa dos valôres, numa propaganda sem peias dos recursos corruptivos, uma verdadeira mística satânica invadem e dominam amplos setores, onde o doentio e o mórbido prevalecem. Estamos numa época em que primários intelectuais querem negar ao homem a sua grande realidade: a liberdade. Esquecem que esta é também o que distingue o homem dos animais. Fundando-se em falsos postulados filosóficos, querem negá-la, para afirmar que o homem é apenas uma peça rigorosamente entrosada num determinismo rígido, por julgarem que, onde há liberdade, não pode haver determinismo, ou vice-versa, o que os leva, por ignorância da matéria, julgarem que a liberdade seja apenas espontaneidade absoluta, negação da causa.

O que a liberdade é, e o que a liberdade não é

Sem dúvida, é o homem um animal que se diferencia dos outros. E a diferença é a racionalidade, a mente capaz de pensar, raciocinar, inventar, criar. Portanto, o verdadeiro ato humano, que não é animal, é o ATO INTELIGENTE.

A mente humana ADVERTE o objeto de seu exame, capta-lhe as notas, compara-o com esquemas, classifica o fato, e conclui, finalmente, pela VONTADE: delibera.

Contudo, encontra obstáculos: a NESCIÊNCIA, o não saber, e a IGNORÂNCIA, o desconhecimento de suas causas e de suas razões.

Mas a ignorância ou é vencível ou invencível. Invencível é aquela ante a qual não dispomos de meios para superá-la. Esta é, porém, dinâmica e relativa, pois à criança é invencível a ignorância sôbre a físico-química, mas vencível ao adulto. LUTAR CONTRA A IGNORÂNCIA, VENCÊ-LA, DAR AO HOMEM MAIS SABER, É PREPARAR CADA VEZ MAIS A REALIZAÇÃO DO ATO HUMANO.

A vontade é a apetência do bem. Apetência significa o ímpeto, o pedir, (do latim PETERE), dirigido para (AD) alguma coisa (AD-PETERE, apetecer). Tudo quanto um ente apetece lhe é conveniente, ou é julgado conveniente; um bem, em suma. A vontade é êsse impulso dirigido para o que é julgado conveniente. A vontade é, assim, a apetência ao bem. Tem ela uma origem natural, raízes profundas no ser humano. Contudo, não é um impulso cego, nem deve ser um ímpeto irracional. A vontade necessita do conhecimento para saber o que deve preterir: é a apetência assistida pela razão.

O INTELECTO NÃO É LIVRE; O QUE É LIVRE É A VONTADE. NINGUÉM É LIVRE PARA CONTRARIAR UMA LEI DA MATEMÁTICA, MAS É LIVRE PARA ESTUDÁ-LA OU NÃO, PORQUE AÍ É A VONTADE QUE DELIBERA.

Mas a vontade sofre obstáculos. É a coação exterior, ou interior. Somos inibidos por razões interiores, ou por obstáculos externos. E muitas vêzes a vontade justa é obstaculizada pela coação externa. Nós lutaremos contra tôda coação externa à vontade justa, porque é uma ofensa à liberdade do homem, que É O ATO HUMANO EM SUA PLENITUDE.

NÓS LUTAREMOS PELO ATO HUMANO CONTRA A IGNORÂNCIA, CONTRA A COAÇÃO.

A verdadeira liberdade, que defendemos, é a capacidade de preferir ou preterir o que se apetece, mas justa, sem óbices externos.

O querer pode ser livre apenas como desejo, mas só alcançará a plenitude da liberdade quando não anulado por coação exterior.

Nós lutamos por essa liberdade: livre DE... e livre PARA...

Portanto, podemos agora dizer o que é a liberdade justa, e o que ela não é.

É LIBERDADE JUSTA	NÃO É LIBERDADE
Lutar contra a ignorância por amor ao bem do homem.	Aumentar a confusão nas mentes humanas.
Dar ao homem capacidade de julgar com conhecimento de causa.	Mascarar a realidade, segundo determinados interêsses.
Indicar o que realmente é o bem para cada indivíduo e cada grupo social.	Apresentar falsas reivindicações, apontando como adequada à liberdade a escolha de novas algemas.
Afastar os óbices exteriores aos ímpetos justos e racionais.	Criar opressões ao homem, bitolando-o em normas e condições que apenas servem aos interêsses dos que dominam.
Ensinar a pensar e a escolher com segurança e justiça.	Criar apenas «clichés mentais», «palavras de ordem», transformando os homens em autômatos.
Permitir a livre experiência, e que possam todos reunirem-se a seus afins, em busca de uma convivência social que lhes corresponda aos naturais impulsos.	Impor uma ordem pré-estabelecida pelos poderosos, ordenando que os homens convivam, segundo normas homogêneas, sem considerar as naturais diferenças e heterogeneidades humanas.
Educar para a liberdade.	Educar para a obediência cega e irracional.
AQUI LUTAMOS NÓS	**AQUI LUTAM OS QUE VAMOS COMBATER**

Lutaremos pelo que há de positivo em nossa terra e em nossa gente, dentro de têrmos dignos e justos contra tôda negatividade.

O programa, sabemos, é ambicioso. Mas é de nosso brio tentar o que parece impossível.

Estamos certos de não malograr em nossos intentos, porque tal malôgro seria o da nossa gente, porque demonstraria a incompatibilidade de uma ação intelectual construtiva em nossa terra. O malôgro, então, não seria apenas dos que lutam aqui, mas de todos nós como homens.

O PAPEL DAS NOSSAS ELITES INTELECTUAIS

UM TEMA EM DEBATE

Quem viaja pelo mundo, visita países super-desenvolvidos, como a Suíça, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha Ocidental, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Inglaterra, os Estados Unidos encontrará de tudo em abundância, mas do que desde logo ressentirá sua falta, carência espantosa e inacreditável, é de comunistas. Quem escreve estas linhas e visitou êsses países, procurou-os para ver de que espécie eram, e teve a mais difícil das buscas, porque não os encontrava senão num número espantosamente pequeno, alguns intelectuais de segunda classe, sem maior significação, e nada mais. Então, ao pensar no que se passa aqui na América Latina e, sobretudo, no Brasil (o que ainda se nota em países não pròpriamente super-desenvolvidos, mas apenas desenvolvidos, como a França e a Itália, cujo padrão de vida não supera ao de São Paulo), onde há comunistas, inclusive alguns intelectuais, de algum valor e muitos que apenas ostentam títulos, que são mera presunção de cultura, a resposta, que surge à pergunta «por que o comunismo?», implica esta outra: será o comunismo apenas o resultado de uma fermentação da miséria ao lado da deficiência intelectual? Perdoem-nos os intelectuais comunistas ante a pergunta. Sabemos que se consideram a si mesmos como a última palavra da ciência e da sabedoria. Sabemos que se julgam supinamente inteligentes, e homens que desprezam o que de mais alto criou a humanidade no pensamento superior; são homens que colocam Marx no ápice da sabedoria. Sabemos disso tudo. Mas também sabemos é que em tais países os homens mais cultos não são comunistas, que o povo tem verdadeira repugnância por tais idéias, e que o partido comunista em tais países é quase inexistente, uma ínfima minoria, sem qualquer projeção sôbre as multidões. O sr. Carlos Lacerda, certa ocasião, ao falar da intelectualidade comunista no Brasil, disse que uma «poeira atômica de ignorância havia caído sôbre muitos de nossos intelectuais». Realmente é de espantar o número de intelectuais comunistas em certos países. Mas resta saber algumas coisas que constituem certas perguntas que merecem respostas estudadas. Vamos fazer algumas perguntas aqui, e esperar que a elas nos dêem resposta nossos leitores, para que, nos próximos números sejam matéria de exame e de debate.

É o comunismo incompatível com a cultura superior?

É o comunismo uma doutrina filosòficamente bem fundada?

Tem realmente o comunismo fundamentos nos aspectos reais da História Humana?

É a aceitação da doutrina comunista um sinal de deficiência intelectual?

Caro leitor, coopere conosco no debate dêste tema. Remeta-nos suas razões de um lado ou de outro. Ajude-nos a esclarecer o povo brasileiro sôbre tema que tanto interessa hoje. Tenhamos o cuidado de analisar os nossos problemas e oferecer soluções para serem estudadas e discutidas.

Aqui, tem o leitor uma porta aberta para o esclarecimento, uma tribuna para o debate.

Coopere conosco, que estará cooperando para o bem do Brasil.

Jonas

OS PERIGOS DA CULTURA

É encontradiço em muitos autores uma observação que todos nós estamos aptos a fazer: a pouca cultura nos aproxima de Deus, a média dêle nos afasta, e a superior impele-nos outra vez a Êle. Parafraseando essa afirmativa, evidenciada por tantos, e que a experiência nos oferece constantemente, poder-se-ia dizer: a pouca cultura nos leva a um dogmatismo gnosiológico, a média pode nos precipitar no cepticismo, mas a superior nos leva a uma visão de certeza. Ou seja, de que o nosso conhecimento nos dê tôda a verdade à afirmação de que não nos dá nenhuma verdade, alcança-se a que nos dá partim... partim...: um conhecimento parcialmente verdadeiro e parcialmente incompleto; ou seja, a verdade que captamos é a que nos é possível captar, mas verdade. Concluir daí que nada captamos de verdadeiro é construir um juízo universal negativo, no qual o predicado é total e absolutamente excluído do sujeito. Para que tal juízo tenha fundamento, é mister que se provasse, de modo apodítico, a absoluta incompatibilidade entre o predicado e o sujeito. Ora, tal incompatibilidade implicaria uma contradição formal intrínseca. E onde está tal contradição? Por que tais senhores, que hoje se colocam num cepticismo absoluto, não estudam Lógica?

Dirão que a Lógica é coisa do passado e não tem fundamento. Pois, então, mostrem essa ausência de fundamento. Terão que apelar para a lógica, e para a má lógica. Terão que negar a Lógica, usando a Lógica, como alguns irracionalistas querem combater a razão, usando da razão. Mas isso só se pode admitir em clowns, num picadeiro.

A indução não é um método criado modernamente, mas era conhecido dos antigos

Outro dia, em um periódico, alguém que escreve sôbre temas filosóficos, afirmou que a **inducção** era desconhecida dos escolásticos, e que, graças à ciência moderna, de Francis Bacon para cá, êsse método, aplicado à ciência, permitiu o grande progresso que ela experimentou.

Nada menos exato. Vamos reproduzir aqui um trecho dos **Quodl.** l. c. de Duns Scot, o grande **Doctor Subtilis** (1270-1308), trezentos anos antes de Bacon:

«Utrum ad bonam inductionem oporteat inducere in omnibus singularibus» (se para alcançar uma boa indução é preciso induzir de todos os singulares). Responde Scot a essa questão do seguinte modo:

«Consequentia patet, quia si inducatur solum in aliquibus singularibus respectu alterius praedicati possibile est, quod illud praedicatum conveniat singularibus, in quibus inducitur, et quod non conveniat aliis... quare... inductio non valet ad concludendum de necessitate, nisi indicatur in omnibus singularibus», sed... «ad habendum opinionem probabilem, fidem vel persuasionem de conclusione universali sufficit inducere in aliquibus singularibus, licet non inducatur in omnibus, et ideo multae inductiones sunt bonae, arguendo absolute absque hoc, quod in omnibus singularibus inducatur. Nam «experimentalis cognitio quantumcumque frequens non infert, necessario ita esse in omnibus, sed tantum probabiliter, et ex hoc sequitur, quod non sit sufficiens causa ad generandum artem vel scientiam, quod concedi potest, sed tantum coadjuvans et occasio».

Em suma: se para a boa indução se requeresse a indução em todos os singulares, esta não se realizaria fàcilmente. A conseqüência é evidente, porque, se se induz, fundando-se sòmente em alguns singulares, outro predicado é possível. E se êsse predicado convém aos singulares, dos quais é induzido, poderia não convir a outros, já que a indução não vale para concluir-se a necessidade, a não ser que fôsse induzida de todos os singulares. Conseqüentemente, tem-se apenas uma opinião provável, fundada na fé ou na persuasão que uma conclusão universal é induzida suficientemente de alguns singulares, sem que se induza de todos, pois uma indução só seria boa se fôsse induzida de todos os singulares. Dêste modo se vê que a cognição, embora freqüente, não conclue **necessàriamente** de todos, mas apenas conclui **provàvelmente**, do que se segue que não é bastante para gerar a arte (técnica) e a ciência, mas podem estas ser concedidas, apenas como coadjuvantes e como ocasionais.

E conclui: contudo «ad infalibilem et evidentem cognitionem alicuius principii universalis velut ad cognitionem alicuius leges naturalis non opus est inquisitio, experientia vel inductio in omnibus, sed sufficit de pluribus singularibus». Contudo, para a infalível e evidente cognição de algum princípio universal; ou seja, para a cognição de alguma lei natural não são estritamente necessárias a observação, a experiência ou a indução de todos os casos, mas basta ser realizada sôbre muitos singulares.

E não é isso que faz a Ciência Experimental **(Scientia experimentalis)**? Êsses cavalheiros, que desconhecem o que se realizou neste ponto na filosofia, julgam que estamos num novo caminho, quando, na verdade, realiza-se o que já preconizavam os antigos. Êstes sabiam que a **ciência experimental** funda-se em matéria contingente, e que a filosofia trabalha, sobretudo, com **matéria necessária.** Mas sôbre isso trataremos noutra ocasião. Por ora, o que basta, é que antes de se falar sôbre a filosofia escolástica, dever-se-ia estudá-la, conhecê-la, para evitarem-se afirmações falsas, que só servem para perturbar ainda mais as mentes pouco alertadas da época moderna, em que se realiza uma criminosa exploração da inadvertência intelectual, com finalidades sem dúvida alguma maliciosas.

O HOMEM LIVRE — Um esfôrço contra as trevas
Redação e Administração:
Praça da Sé, 47 — 1.º andar — S/ 12 — Tels.: 33-3892 e 35-6080 — São Paulo — Capital
Diretor responsável: Y. L. SANTOS
Os artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores.

Proletário, Ouve! Esta Página te Pertence

Em tôdas as épocas da humanidade os que apenas são prestadores de serviços foram sempre vítimas de exploradores astuciosos. Assim sempre foi, e assim ainda é.

O homem, que outra renda não tem que a do seu trabalho, e que a única riqueza que possui são seus filhos, foi chamado de **proletário,** porque só a sua prole é o bem que lhe resta, a renda que lhe permitem ter é a que lhe podem dar seus filhos.

Como sua vida é feita de necessidades, como sua mesa é quase vazia, como suas necessidades mais elementares são tantas e exigentes, é natural que êsse homem, que êsse tipo de homem, **tenha exigências imediatas,** careça de bens imediatos para satisfazer as suas justas necessidades.

Seus problemas são sempre de urgente solução, porque não pode esperar, porque não espera seu estômago que pede alimentos, seu corpo que pede vestes.

Por outro lado, todo homem deseja prestigiar-se ante os seus semelhantes. Todos querem ser, ou pelo menos parecer, que são superiores em alguma coisa. Sempre houve, sempre há e sempre haverá os que desejam impor-se aos outros com alguma superioridade. Um quer ser mais simpático, outro mais forte, outro mais hábil, outro mais rico...

Dos que não podem sobressair por nenhum daqueles caminhos, há muitos que buscam sobressair pelo poder político, exercendo êste poder sôbre os outros.

Quem são êles? São os famintos de prestígio, e que não sabem sofrer a sua fraqueza, os complexados de poder, complexados de inferioridade, que buscam obter um cargo que os torne grandes, **porque não são grandes.**

Quem é grande não procura ocupar o cargo grande. Quem realmente é grande cria para si a própria grandeza. É grande porque é grande, e não porque ocupa um cargo grande.

Quem verdadeiramente se eleva é quem ascende por si, por seus atos e por suas realizações ao posto elevado. Cria o seu lugar, como Pasteur criou o seu na Ciência, como Aristóteles o seu na Filosofia, como Camões criou o seu na literatura.

Nem Pasteur, nem Aristóteles, nem Camões foram grandes porque ocuparam cargos elevados, mas foram grandes porque realizaram obras elevadas.

Aquêle que não pode sofrer a sua inferioridade, aquêle que não suporta dentro de si a sua pequenez, quer o cargo elevado, porque julga que ocupando um pedestal, e estando mais alto que os outros, é realmente maior que os outros.

E eis por que, tu, ó proletário, em tôdas as épocas, ontem, hoje e talvez ainda amanhã, hás de ser sempre o grande procurado, o grande explorado pelos que desejam ascender aos altos postos, pelos que não podem erguer-se por si mesmos, porque, na verdade, não são grandes, mas podem erguer-se sôbre as tuas esquálidas costas aos postos grandes para parecerem grandes.

E como procederam? Exploraram a tua miséria, exploraram a tua carência, exploraram a tua boa fé, exploraram a tua ignorância, exploraram a fome de teus filhos, a semi-nudez e os andrajos de tua companheira, exploraram a urgência de tuas necessidades, e te prometeram, então:

que te dariam, já, imediatamente, o que tu já e imediatamente precisas;

exploraram o teu imediatismo, que te faz vibrar ante a promessa do prato de comida, da veste para teu corpo quase nu, da casa humilde que não tens.

E como nada recebias de melhor do que esperavas, êles sempre justificaram a tua falta, culpando a outros.

Êles sempre encontraram culpados para explicar, porque não te deram o que te prometeram.

Êles nunca são os culpados, mas os outros. Quem são êsses outros? Acaso são tão diferentes dos primeiros? Não são outros que os primeiros, que são outros para os segundos? Uns acusam os outros mùtuamente. Todos, quando falam, são angelicais criaturas, que só pensam no bem. Os outros, sim, êsses só fazem o mal. Ouve, proletário, o que uns dizem dos outros, as ofensas e as injúrias que uns atiram aos outros.

Uns são para os outros os traidores do povo. Todos se acusam mùtuamente de traidores. Pois, na verdade, são todos traidores de ti, proletário, de ti eterno atraiçoado, de ti eterno explorado, de ti, eterno sofrido de injúrias e misérias.

Sempre, em todos os homens, há uma aspiração ao poder, ao poder de alguma coisa considerada elevada. Êste é o pecado original do homem, porque é um pecado da espécie humana, com o qual todos nascemos.

Assim há os que procuram sobressair na habilidade do trabalho;

há os que procuram sobressair na aparência da beleza física;
há os que procuram sobressair nos esportes;
há os que buscam sobressair na posse de bens econômicos, enriquecendo-se;
e há os que buscam sobressair pelo poder político.

Mas, por acaso, és apenas vítima? Sim, és vítima da tua ignorância e da tua fome, vítima da urgência das tuas necessidades, vítima do teu apetite insofreado.

Mas és culpado, porque ouves a quem não devias ouvir;

és culpado, porque crês em quem não devias crer;

és culpado, porque serves a quem não devias servir;

és culpado, por que segues a quem não devias seguir.

Proletário explorado de todos os tempos, ouve:

Não sairás, nem nunca saístes da tua miséria a não ser por ti mesmo.

Ninguém te tirará da tua fome se não fores tu.

Nunca, na História da Humanidade, conseguiste um pouco mais que não saísse de tuas mãos, porque é de tuas mãos que sai tôda riqueza do mundo.

Nunca foram os outros que te ergueram, mesmo aquêles que saem de teu seio para pregarem que te ajudarão.

Olha para os que sempre, em tôda história, se proclamam os amigos do proletariado. Sempre foram os mais ricos, os mais poderosos, os de vida mais suntuosa.

Olha hoje para os defensores do proletariado. Os verdadeiros benfeitores jamais andaram à caça de altos cargos.

A maioria é dos mesmos fariseus hipócritas, os que desejam que permaneças na ignorância e na miséria, porque sabem que se tiveres o estômago cheio, teu corpo vestido, tua casa humilde e boa, tua companheira e teus filhos sorridentes e alegres, não ouvirás mais os desejosos de ascender sôbre os degraus de tua fome e de tuas necessidades.

Jamais êles te darão meios de alcançar o bem estar, porque o teu bem estar te levará ao desinterêsse pela política e, então, como subirão êles?

Enquanto tiveres fome, êles terão um meio de explorar as tuas necessidades, somando-as em votos, que os erguerão aos cargos nos quais são investidos, porque os cargos, que o homem cria pelo seu trabalho e sua inteligência, êstes estão proibidos para êles, porque não são grandes; apenas querem parecer que o são.

Em todos os tempos, proletário, só conseguiste ergueres-te um pouco acima da tua pobreza, quando, por ti mesmo, pelo teu trabalho, pelo teu esfôrço combinado com os de teus irmãos, **tu mesmo criaste a riqueza para ti.**

O teu verdadeiro amigo não é aquêle que te pede o voto, mas aquêle que te ensina como melhorar a tua vida, aumentar o teu salário, mas aumento real e não fictício, aumento verdadeiro, e não apenas somar um zero, quando, nos preços, os zeros se multiplicam.

Foi quando chegaste ao teu companheiro e lhe perguntaste: que podemos nós dois fazer juntos para ajudar-nos a sair da situação em que estamos? Não podemos juntar outros companheiros como nós, e cooperarmos juntos para fazer alguma coisa real que possa melhorar a nossa vida?

Não podes tu ajudares a construir a minha casa, e eu a tua. Não poderemos os dois ajudar outros, e êles ajudarem a nós?

Proletário, em tôda a história, tu só saíste da maior necessidade pelo teu próprio esfôrço. Não esperes que mágicos mentirosos realizem o milagre, porque êles não são nem mágicos nem milagrosos, mas apenas astuciosos exploradores da tua boa fé.

Proletário, esta página te pertence. Ela se dirige para ti. Nela pretende-se apenas indicar o que podes fazer em teu benefício, mas feito por ti mesmo e para ti mesmo. Esta página não terá o nome de quem a escreve, porque quem a escreve não aspira a cargos públicos nem a poder político, por isso não quer de ti nenhum reconhecimento, nem gratidão em votos ou em prestígio político.

Se tiveres que ser grato, sê apenas às idéias gratas, que te serão pregadas; aos meios gratos, que te serão ensinados.

Êles (os que andam à tua volta a pedir que os apoies para se tornarem grandes) dirão que, por ti mesmo, nada poderá ser feito em teu benefício.

Êles querem tirar de ti a mais bela das virtudes: a esperança. A esperança é a confiança que o bem oferece para o futuro. O que êles querem é impor em tua alma o que o mal promete para o futuro: o mêdo. Êles querem que, amendrontado ante o que és e o que vives, te entregues, de corpo e alma, aos chamados líderes, que, depois, te manejarão para as grandes desgraças e para as grandes sangueiras, e possam êles, afinal, erguer seus tronos sôbre os corpos mutilados de tua espôsa e de teus filhos, tonitroando ao mundo a superioridade que êles não têm.

Proletário, nós somos irmãos. Quem te escreve esta página é um ser humano como tu, e não quer ser mais humano que tu. Não quer erguer-se por ti, mas, sim, por seus atos e suas palavras. O que quer para ti é a liberdade, liberdade do mêdo que te inculcam;

liberdade da necessidade em que te oprimem;

liberdade da ignorância em que te algemam;

liberdade da mentira com que ensombream a tua vida;

liberdade da mentira da desesperança com que afogam a tua alegria.

Juntos combatamos, pois, o bom combate: por ti e para os teus, por ti e pelos teus.

A Lógica e a Vida

O nexo da questão: Em conexão com o que modernamente se diz e se escreve no campo das idéias, a conclusão que imediatamente se tira é a seguinte: de um lado, há ainda remanescentes do irracionalismo, dos que negam qualquer valor à razão humana, e de outro os que a defendem, que podem tomar o nome geral, embora indevidamente, de **racionalistas.** Dizemos indevidamente, porque o racionalismo é mais uma posição filosófica, que atribui **apenas à razão** a capacidade de conhecer adequadamente, negando qualquer valor para o conhecimento culto à intuição, à afectividade, etc., tão defendidas pelos místicos e pelos estetas. A posição **intelectualista** é uma síntese das duas posições: a irracionalista, que afirma a superioridade da intuição, e a racionalista, que afirma o prevalecimento total da razão, para afirmar que a mente humana funciona com o que de positivo oferece a intuição, que é, por sua vez, coordenado pela razão. Em suma, o verdadeiro conhecimento humano é o dado pela intuição acrisolado, purificado pela razão, que o racionaliza, ou busca os nexos racionais, que possua.

Ante essa divisão das posições, discute-se a validez da Lógica, que é a disciplina que estuda os nexos racionais, os nexos do **logos**, da **razão**, que **há** entre os conceitos. A Lógica é, assim, uma disciplina do pensamento humano, pois os conceitos intencionalmente apontam as **razões** das coisas. O conceito é a primeira operação da mente para a Lógica, não em sentido meramente psicológico, pois essa prioridade é considerada apenas em sentido lógico. É o elemento fundamental das operações lógicas. Quando a mente afirma ou nega de um conceito outro conceito, por um acto de julgamento, diz-se que enuncia um **juízo,** que é a segunda operação da mente, para a Lógica. De um juízo, a mente pode inferir outro ou outros, pois quando se diz que «os homens são mortais», pode-se inferir, com rigor, que «alguns homens são mortais». Ou, então, quando compara dois juízos, a mente pode tirar uma conclusão, que é um terceiro juízo. Assim, ao comparar êstes dois juízos: 1) todos os minerais são corpos; 2) o chumbo é mineral; pode-se concluir, finalmente, que o chumbo é corpo. Essas operações chamam-se **raciocínios.** Na primeira inferência, temos um **raciocínio imediato,** porque se infere, sem usar nenhum **meio, diretamente.** No segundo, temos um raciocínio que emprega dois juízos para concluir um terceiro, e usa um **meio,** é, portanto, um **raciocínio mediato**, que, em Lógica, se chama **silogismo.** Neste último, há três têrmos: **mineral — corpo — chumbo.** Mineral, como se vê, serviu de meio para comparar chumbo com corpo, e concluir que chumbo é corpo, porque chumbo é mineral e sendo mineral corpo, o chumbo seria corpo necessàriamente.

Pois bem, a Lógica é usada sempre pela **ciência,** tomando êste têrmo em sentido clássico e geral: como conhecimento das causas das coisas. Onde há ciência, há lógica. Contudo, há os que se colocam em posição, ora a favor da Lógica, ora contra. Cumprindo a nossa finalidade, que é esclarecer, pondo os opostos em choque, num legítimo **polemós,** têrmo grego que significa luta, polarizaremos as duas teses, que se podem estabelecer em face da matéria.

A questão, pois, seria:

CORRESPONDE A LÓGICA A REALIDADE CONCRETA?

Tese: A Lógica é abstrata e não corresponde à realidade concreta.

Argumentos em defesa da tese:

A Lógica dedica-se ao estudo dos conceitos, dos juízos e dos raciocínios. Mas o conceito é abstrato, e abstratas as outras operações. A realidade é concreta e singular. Trabalhando a Lógica com generalidades, universalidades, ela se afasta da realidade concreta. A singularidade é fluente, mutável, sempre outra, enquanto os conceitos são estáticos. Portanto, não corresponde ela com o seu estaticismo à realidade, que é dinâmica.

Antítese: A Lógica, embora abstrata, pode corresponder à realidade concreta.

Argumentos em defesa da antítese:

Realmente, os conceitos são abstratos. Mas a abstração pode fundar-se na realidade. O conceito de árvore, cavalo, etc., fundam-se na realidade, e têm a intenção de dizer e de se referirem ao que é comum a tais sêres. A dinâmica da realidade não nega a validez do conceito, porque um cavalo, que corre, que come, não deixa de ser cavalo, porque corre ou come. A Lógica, pode, perfeitamente, adequar-se à dinamicidade da existência ao compreender que o cavalo é um ente que, embora sofra mutações, continua sendo cavalo, enquanto tais mutações não corrompam totalmente a sua natureza, a sua essência. Neste caso, o cavalo deixaria de ser cavalo para ser outra coisa. Mas o que deixaria de ser cavalo não é o cavalo, mas o ser

que constituiria materialmente o cavalo, já que cavalo, enquanto conceito, não se torna outro que êle.

Os conceitos são arbitrários, pois lhes são dados conteúdos diversos, como se vê, fàcilmente, nos dicionários, onde os têrmos são análogos a outros, o que dificulta a nítida compreensão.

Há conceitos arbitrários: não todos, porém. Há conceitos que indicam a intencionalidade da mente a indicar o que há de comum nas coisas, que são semelhantes.

A Lógica é apenas prática, e a validez de suas regras dependerá das condições práticas. Mudada a prática, mudarão os conceitos.

Sim, a Lógica é prática, não apenas prática, pois tem também uma parte teórica, especulativa, que consiste no estudo das leis que regem o comportar-se dos conceitos entre si e dos juízos e raciocínios.

As leis da Lógica são arbitrárias, porque se fundam no conteúdo que se dá aos conceitos. Mudados êstes, mudariam suas regras, e conseqüentemente as suas leis, como se tem verificado modernamente.

Dizer-se que as leis da Lógica são arbitrárias, seria o mesmo que dizer que são arbitrárias as leis da matemática, já que esta é uma lógica de números e valôres quantitativos. O exame cuidadoso da Lógica revela que suas leis são extraídas da realidade dos fatos lógicos e não impostos a êstes.

Muitos cientistas afirmam que há factos concretos que contradizem as leis da Lógica. Há, na natureza, contradições e estas repelem e injustificam o **princípio de não-contradição.**

Não é verdade que tal se dê. Por desconhecimento da Lógica alguns cientistas fizeram tais afirmativas. Nenhum exemplo digno apresentaram. Os que foram propostos não resistem à análise de um estudante primário de Lógica.

Tanto o raciocínio mediato como o imediato são tautológicos (ou seja: do grego **tautós**, que significa **o mesmo**), dizem apenas o que já está dito, e não apresentam algo de novo.
As leis lógicas, como dissemos, são arbitrárias. Ademais, a Lógica não nos aponta novos conhecimentos. Por outro lado, a vida não segue as normas lógicas.

Realmente, não se pode tirar alguma coisa de onde não há coisa alguma, pois do nada nada se tira. Ademais, não poderia algo dar algo se não o tiver, porque, então, tiraria do nada alguma coisa. É certo que não se cria do nada alguma coisa pela Lógica, nem ela pretenderia tão absurda capacidade.

Grandes estudiosos da Lógica mostraram, em exuberância de argumentos, que os raciocínios nos podem levar a graves erros. Por esta razão, o que prevalece hoje para a ciência é a observação e a experiência, já que a Lógica nos levaria a afirmações ingênuas, como as verificadas històricamente.

Quando a Lógica diz que, nos juízos afirmativos, o predicado é tomado particularmente, e como conseqüência a inversão simples do juízo não tem a mesma validez, funda-se na realidade. Assim, quando dizemos que o sujeito é tal predicado, não podemos assegurar que tal predicado é tal sujeito. Podemos, contudo, assegurar que alguns, classificados em tal predicado, sejam tal sujeito. Assim todos os homens são mortais, podemos, certamente, concluir que alguns mortais são homens, não, porém, que todos os mortais o sejam. E embora tais exemplos sejam elementares, muitos **famosos** filósofos cometeram tais erros. Há, também, na Lógica, um esclarecimento, uma iluminação, e quem estuda tal matéria sabe muito bem que é justa a nossa afirmativa.

Muitos filósofos afirmaram a fraqueza do silogismo.

Todos os filósofos que tais afirmativas fizeram não primaram por saber usá-lo bem, e revelaram desconhecer suas regras.

O silogismo não é um processo natural do raciocinar humano, mas artificial. Grandes

Todos os grandes lógicos sabem disso. Normalmente, o homem infere juízos de juí-

matemáticos e lógicos já demonstraram a validez desta afirmativa.

zos. Mas tais inferências, quando exigem um terceiro têrmo, tomam a forma silogística, embora subentendida. A vantagem do silogismo é, sobretudo, prática, pois seu uso permite raciocinar com mais segurança. É aconselhado por isso, por facilitar melhor a descoberta dos erros.

A Lógica não nos leva à verdade. Conseqüentemente, que valor pode ter para o conhecimento humano um processo que não nos oferece solução aos problemas que surgem à mente humana?

A Lógica nos leva às verdades lógicas. A verdade material é comprovada por outros meios; a verdade ontológica, pelos métodos da Ontologia. Contudo, em tôdas as disciplinas, a Lógica atua como ciência auxiliar. As verdades matemáticas comprovam que a Lógica pode alcançar a verdades, dentro, naturalmente, do seu âmbito.

Síntese: — Comparando as duas posições polarizadas, é fácil verificar-se o que há de positivo e adequado nos argumentos apresentados por um lado e outro. Os que argumentam contra a Lógica, fundam-se em postulados, não adequadamente demonstrados, pois, realmente, nenhuma das afirmativas são devidamente apoiadas em juízos rigorosos, pois se o fôssem, serviriam, afinal, para demonstrar a validez da própria Lógica. Se apenas pela Lógica o ser humano não é capaz de alcançar a verdades definitivas, tal aspecto não é deficiência dessa disciplina, porque a Lógica é uma ciência auxiliar, e não se apresenta de outro modo. Ela auxilia a encontrar juízos rigorosamente válidos, não cria, porém, a validez. Quem quisesse fazer ciência ou filosofia, valendo-se apenas da Lógica, sem considerar os dados experimentais, o que a **empíria** nos oferece, tornaria a Lógica monstruosa, e se afastaria da sua natureza de ciência auxiliar, para torná-la autônoma e auto-suficiente. Há filósofos que pensam assim, e assim pensaram alguns racionalistas e todos os idealistas. Mas os seguidores de tais doutrinas deram um papel à Lógica que ela jamais quis ter, nem pode ter. Nenhum filósofo, profundo conhecedor de Lógica, pretendeu transformá-la num **factotum** filosófico. Sempre tais homens compreenderam os limites de seu âmbito. Um exemplo esclarecerá tudo: **Deus existe** é um juízo rigorosamente lógico, porque, lògicamente, não é possível admitir Deus não existente. O existir é um predicado necessário de Deus, porque um Deus não existente não é Deus. Mas a validez lógica de tal juízo não prova que, realmente, Deus existe. Esta prova já exige outros caminhos, que não são apenas lógicos, mas que, para segui-los, a Lógica é necessária. Dêste modo, **lògicamente** se conclui: da validez de um juízo lógico não se conclui um juízo de existência válido, salvo se o juízo lógico já contém uma validez de existência. Portanto, se vê que tais argumentos contra a Lógica acusam-na de não ter o que ela jamais pretendeu ter, como sabem os que realmente a conhecem, e acusam-na de deficiências que não pertencem à sua natureza.

Quanto à invalidade de outros argumentos, já foram postos com razões sobejamente fortes ao fazermos o paralelismo das posições.

A Lógica é, assim, prática e teórica, e suficientemente hábil, como ciência auxiliar, a proporcionar à mente humana critérios seguros de raciocínio, que se não nos oferecem verdades materiais, servem, contudo, para mostrar que não há uma verdade material quando há uma ofensa às regras da Lógica. Em suma: se a Lógica não leva por si só à verdade material, permite, porém, que se afirme a invalidade de um postulado de existência, quando êste ofenda frontalmente as suas regras.

Mário Ferreira dos Santos

Os mais graves problemas pedagógicos em debate

Há pouco tempo, sucedeu um rumoroso caso, que preocupou sèriamente os campos políticos de São Paulo. Um secretário de Estado sofrera graves acusações, que atingiram a sua honorabilidade. Apaixonando, como é natural, tal caso, uma estação de televisão resolveu apresentar ao público um debate entre a acusadora, aliás uma mulher-deputado, e um líder político do partido que apoiava o acusado. Êsse debate (na hora chamado de mesa redonda, não sabemos por que), foi dirigido por um conhecido radialista. Apresentando ao público as condições do debate, disse, entre outras coisas, o que segue: seguindo o costume do júri, deve caber em primeiro lugar a palavra à acusação, seguindo-se, então, a palavra à defesa. Ora, tal radialista é formado em Direito. O seu lapso de atribuir a palavra em primeiro lugar à acusação por ser um costume, é de certo modo imperdoável. **Não se trata de costume, mas de ordem lógica.** Não é possível defender algo que não tenha sido prèviamente objeto da postulação de uma acusação. Pode-se defender prèviamente de acusações possíveis, não de acusações atuais.

Mas, por que fazemos esta nota? Para acusar o radialista apenas de um erro, quando nós todos erramos? Não. Tal atitude nossa não teria nenhum mérito. Trata-se apenas de advertir o nosso leitor para um sinal bem característico de nossa época, em que há um retrocesso, sob vários aspetos, retrocesso merecedor de atenção. Observe-se bem: a diferença fundamental entre o bárbaro e o civilizado, como o sentiam os gregos, entre o bárbaro e o heleno, não era o referente à raça ou ao estatuto político. Era, sobretudo, o referente à maneira de comportar-se em relação aos fatos. **O bárbaro é o que sabe sem saber o porque do que sabe; o civilizado, o que sabe, sabendo o porque do que sabe.** Só há ciência quando se sabe os porquês próximos e remotos de uma coisa, de suas causas, de suas razões. Saber-se que naquêle campo há árvores colocadas de tal modo, é apenas um saber bárbaro, mas saber porque foram elas plantadas, obedecendo a tal ordem, já é um saber culto. Há muitas coisas, julgadas por muitos, como apenas costumes, porque já não sabem que tais costumes foram instaurados entre os homens. O perigo da pedagogia moderna, em seus aspetos negativos, consiste em julgar que busca apenas informar bem o educando para atingir ao conhecimento, quando a verdadeira pedagogia consistiria em dar ao educando a capacidade de, por si mesmo, investigar as causas, as razões, os porquês das coisas. Eis aqui um tema de máxima importância, e que merecerá de nós uma atenção mais cuidada: o problema pedagógico sob o aspecto da formação mental do homem. Não deve ser a primacial finalidade da pedagogia construir mentes capazes de investigarem os porquês, as causas e as razões das coisas, ou apenas formar mentes medíocres, eruditas de certo modo, mas sem saberem por si mesmas alcançar as causas das coisas?

O debate está aberto, e podemos prenunciar que será de grande valia para todos, sobretudo para aquêles educadores bem intencionados, que desejariam auxiliar a construção de mentes bem sólidas, e não apenas de máquinas de repetição.

Voltaremos ao tema.

O QUE FAREMOS

Nos próximos números, nós mostraremos:

Que a filosofia de Kant, de onde procedem os sistemas modernos do materialismo, do pragmatismo, do positivismo, do neo-positivismo, do agnosticismo, do cepticismo moderno, do ficcionalismo, do niilismo, é **fundamentalmente falsa em seus princípios, em seus meios e em seus fins, e que só serviu para aumentar a confusão moderna, e servir de gáudio aos deficientes mentais de nossa época.**

— Que êsses sistemas e suas sequelas, que modernamente imundam o pensamento filosófico, e que favorecem a ação niilista e desagregadora de nossa cultura, tão ansiada pelos seus eternos inimigos, por aquêles que lutam contra a cultura e a civilização cristãs, são doutrinas mal fundadas, apoiadas em velhos erros já refutados com antecedência de séculos, mas que sempre encontram seus colombos retardados para tentar ressuscitá-los.

O leitor bem intencionado não perderá por esperar.

A Voz, a Significação e a Intencionalidade

Êstes, que atualmente tanto falam da **linguagem**, e que desejam torná-la o novo **deus ex machina** da cultura humana, deveriam ler o **«De Magistro»** de Santo Agostinho, e **«De Veritate»** de Tomás de Aquino, apenas para citar alguns trabalhos e, sobretudo, de João de São Tomás, o estudo sobre o **«De Signum secundum se»**, que é um dos trabalhos mais atuais que existem. Mas poderiam, por exemplo, ler **Crátilo** de Platão, onde, em 399 a 400, encontrarão estas palavras de Sócrates a Hermógenes, ao tratar das palavras: «Ora, é uma dessas alterações, ainda, que sofreu, segundo penso, esta palavra «homem» (**anthropôn**). Com efeito, é de uma frase que provém êste nome... e, surge a palavra **anthropos** do facto de serem os outros animais incapazes de refletir sôbre qualquer coisa que vêem, nem de raciocinar sôbre elas, nem de «realizar um estudo» sôbre elas (**anathrein**). O homem, ao contrário, ao mesmo tempo que vê, além de afirmar que **a viu** (**opopê**), «realiza o estudo» também (**anathrei**) do que êle viu (**opopê**), e sôbre ela raciocina. Daí provém que só, entre os animais, tem o homem o bom direito de ser chamado «homem» (**anthropos**): «o que faz o estudo do que viu» (**anathron-ha-opopê**)». Diz Sócrates que da contração surgiu a palavra **anthropos**. Conseqüentemente, escolhemos para **nomear** o que somos, o que notamos no proceder da nossa espécie, a única que assim procede neste planêta: a de realizar o estudo, analisar, refletir, sôbre o que vê, tomando-se **ver**, aqui, como principal sentido do homem: o que êste intuitivamente capta. Portanto, **anthropos** quer dizer isso. Temos a intenção de dizer, com essa palavra (**vox**), tal coisa. Essa **palavra**, portanto, é um sinal universal em sua significação e o conceito (o que se concebe por **homem**) é, por sua vez, sinal universal intencional em sua representação, e se refere ao que **êste**, aquêle e todos os homens são na sua realidade.

Concluir-se que **anthropos** é apenas um **flatus vocis**, um sôpro vocal, não é apenas um êrro, é uma rematada tolice. Mas há ainda tolos que hoje retornam a essas concepções nominalistas, já refutadas com mais de mil anos de antecedência, os quais, outros «colombos» retardados, outros «descobridores da pólvora», vão apresentar na passarela da tolice humana, como **vedettes** ou modelos de super inteligência, êsses resquícios de aderências infantis, que o estado atual da humanidade já há muito dispensou, mas que, como avatares de um primarismo ingênuo, retornam com os ouropéis da última novidade.

Na Filosofia só há uma autoridade: a demonstração.

Basta de **filodoxia**, de filosofia de meras asserções, invadida espùriamente por estetas malogrados ou duvidosos.

Basta de palpiteiros no filosofar. A mente humana já atingiu um grau capaz de demonstrar o que afirma, e de revelar o êrro palmar em que se fundam os negativistas.

As doutrinas negativistas baseam-se em erros elementares de lógica, por isso combatem a Lógica.

Fundam-se em erros elementares de ontologia, por isso combatem a Ontologia e a Metafísica.

Se quer lutar contra as trevas, acompanhe-nos.

Nós precisamos de companheiros audazes e persistentes.

Se quer que sejamos um povo de vergonha na cara, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens dignos e respeitáveis.

Se quer que se multipliquem entre nós os homens livres, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens que amem a liberdade.

Se quer que a vontade humana seja livre, acompanhe-nos.

Nós precisamos de homens de vontade de ferro, que desprezam o perigo.

Se quer arrancar o nosso povo da confusão de idéias, das falsas verdades, dos exploradores da sua fraqueza, acompanhe-nos.

Nós queremos ao nosso lado homens de brio, e que amem a sua pátria e a sua gente.

OS GRANDES ERROS QUE COMBATEREMOS

Não nos colocaremos do lado, nem copiaremos as atitudes daqueles que combatem seus adversários com **palavrões.**

Nós usaremos argumentos e provas, com rigorosas demonstrações.

Não denunciaremos os erros, apenas apontando-os, ou a êles nos referindo com palavras acres e intempestivas.

Nós mostraremos onde está a chaga e indicaremos a terapêutica que convém.

Muitos poderão nos acusar de pretenciosos e audazes adversários, e que pretendemos muito mais do que são capazes as nossas fôrças.

Depois de apresentarmos as nossas razões, que irão dissecar os erros e apontar as intenções verdadeiras, que nos lancem, então, as acusações. Aí se verá o que realmente elas valem!

Muitos dirão que não possuímos meios capazes de assegurar a validez de nossos postulados (são os **cépticos** e os **agnósticos**).

Nós mostraremos que o cepticismo e o agnosticismo não provêm do mais alto saber, mas, ao contrário, da deficiência intelectual e também moral, porque é uma atitude de covardia da inteligência ante o que é cientìficamente cognoscível: os SCIBILES (os NOETÁ).

Muitos dirão que a Ciência moderna despreza a Filosofia e que esta deve ir para o Museu de Antiguidades Intelectuais, ao lado da Religião.

Nós mostraremos que os que assim falam nada sabem do que dizem, e os cientistas, que assim procedem, revelam nada entenderem do que é realmente Ciência, e que os que repetem tais coisas procedem como papagaios, que não sabem porque dizem o que dizem, nem o que significam as palavras que pronunciam.

Há ainda aquêles que dizem que todo o nosso saber é apenas fundado em palavras, e que tôda a nossa ciência é apenas uma linguagem, e nada mais.

Nós mostraremos que tais nada entenderam do que é linguagem, e que suas afirmações são outras tantas falácias, que só surgem em mentes que nada conhecem do que de grande já realizou o homem no campo da Filosofia.

Nós combateremos todos êsses erros, não porque sejam simplesmente erros, mas porque ocultam (aos ingênuos apenas) as verdadeiras intenções niilistas que as animam. O deplorável nelas não é o êrro, porque êste é humano, mas, sim, as intenções. Os erros podem surgir da **FRAQUEZA**, da **IGNORÂNCIA** e até da **CONCUPISCÊNCIA** humana, mas as intenções nascem da **MALÍCIA**. E êsse êrro é livremente escolhido, é intencionalmente orientado, com plena consciência do seu papel destruidor.

Deploraremos os que erram pelos três primeiros motivos, mas responderemos com energia aos que erram pelo quarto. Os primeiros têm atenuantes, mas os últimos agravam a sua atitude **POR QUE SABEM O QUE FAZEM.**

UMA POLARIDADE DE HOJE

Estamos numa época em que todos estamos ameaçados de ser avassalados pela delinqüência.

Devemos evitar que nossa época se caracterize pela polaridade: **polícia-bandido,** como houve outras que se caracterizaram pelas de civilizado-bárbaro, fiel-infiel, herege-pagão, escravo-senhor, nobre-vilão, burguês-proletário.

A era, que desejamos, é a de homens livres, livres da ignorância e da tutela das paixões, livres da injustiça e da degenerescência, livres de tôdas as deficiências. É um ideal inalcançável! afirmarão os tíbios e os mal-intencionados. Contudo, nada impede que melhoremos as condições do homem e a tarefa de elevá-los não é uma missão das nossas gerações apenas, mas de tôda a humanidade.

Lutamos contra as trevas, lutamos contra a ignorância e a má fé.

Não incensamos os ignorantes, nem queremos descer aos ignaros, pretendendo maior circulação ou um pseudo-prestígio.

Queremos, isso sim, arrancar os homens da ignorância, elevando-os ao conhecimento, para que conquistem a sua liberdade.

Não adulamos a MASSA nem os primários. A massa é composta de homens anulados na sua personalidade, virtualizados como pessoas, transformados em dúctil matéria de manobras dos obstinados demagogos. Queremos, sim, arrancar o homem da massa, porque, nela, o homem perde em dignidade; erguê-lo do primarismo e da falsa politização, ascendê-lo ao lugar que, como homem, deve alcançar.

Quem não compreender o que dizemos não tem nenhuma afinidade conosco.

Caracteres do Totalitarismo

Todo regime totalitário é um regime de violência, que centraliza no poder monopolizador do Estado tôda a vida econômica, política, moral, ideológica, artística, etc. da sociedade, opressiva e compressivamente. É, em suma, a violência organizada.

Para manter-se, precisa:

1.º) fundar-se numa polícia todo poderosa e num exército disciplinado;

2.º) ter um partido único, com eleições de chapa única. No vértice, êsse partido se identifica com a direção suprema do Estado;

3.º) ter uma ideologia única, teórica e pràticamente dogmática, ou teòricamente evolutiva, mas pràticamente dogmática, impondo as suas observações e perspectivas como: a) **científicas** (isto é, as únicas verdadeiras, porque seria falso o que ofendesse a ciência), ou b) **divinamente reveladas** (isto é, reveladas por Deus aos seus homens escolhidos, chefe, duce, Führer, caudilho, guia imortal, etc.), as quais são absolutamente verdadeiras. Desta forma, tôda oposição, por ser **absolutamente** errada, torna-se criminosa, pois não é possível aceitar-se a boa fé de quem erra, quando a certeza é **evidente** (científica ou religiosamente);

4.º) terror organizado: **a) internamente** — por meio de um bode expiatório, que justifique todos os erros cometidos e a miséria do povo. Exs.: contra-revolucionários, sabotadores hipotéticos, com as famosas provas policiais **evidentíssimas**, raças culpadas, judeus, etc. **b)** expurgo periódico em suas fileiras, aproveitando-se a oportunidade para liquidação de todos os elementos perigosos, duvidosos, livres, com opiniões pessoais. Exs.: expurgos no partido, com liquidação de chefes, porque essa liquidação impressiona vivamente a massa, traumatiza-a, e ao mesmo tempo dá a impressão da **fidelidade** absoluta aos princípios, que leva a não trepidar no extermínio até dos filhos prediletos do movimento. A questão da procedência ou não da acusação, não importa. É fácil, policialmente, provar-se o que se quiser, e a obtenção de confissões, quando necessárias, para convencer vivamente a massa, não é tècnicamente impossível.

Êsses expurgos geram uma **passividade e uma obediência** internas extraordinárias, porque a ação do terror é imensamente grande e produtiva. Quando se atinge a uma **ordem** interior, e torna-se difícil a afirmação de perigos internos, já que se deu a completa extirpação dos elementos de oposição, apela-se, então, para o terror organizado em função do **exterior**, que é a forma **b.** Esta se processa pela acusação de uma agressão ameaçadora por parte dos adversários ideológicos. É o perigo da guerra, que exige, necessàriamente, a organização mais sólida do interior, o desenvolvimento da indústria de guerra e, conseqüentemente, a explicação da carência interior de meios de subsistência, conseguindo-se, por êste meio, ocultar os malogros técnicos da organização interior, bem como justificar o desvio de quantias para **verbas secretas,** etc.

Dêsse caminho não se livram os regimes totalitários, nem tampouco das conseqüências que dêles decorrem.

E por mais opostas que se manifestem as ideologias totalitárias, **tôdas elas** cumprem, necessàriamente, essa marcha.

Que todos meditem bem sôbre o que acima dissemos, e encontrarão, fàcilmente, exemplos neste nosso século, tão rico de acontecimentos históricos.

KANT, O ESPANTALHO PREFERIDO PELOS QUE DESEJAM DESTRUIR A NOSSA CULTURA... MAS, A FUNÇÃO DOS ESPANTALHOS É ASSUSTAR APENAS PÁSSAROS TÍMIDOS.

Um dos seguidores do neo-positivismo, outro dia, ao referir-se a Kant, disse estas palavras:

— Kant partiu de premissas verdadeiras e chegou a conclusões falsas, pois acabou idealista, e defendendo o que antes tentara combater. Êste foi apenas o seu pecado. Fora disso, sua obra é definitiva.

Recebeu de um dos nossos esta resposta:

— Se, como diz, Kant partiu de premissas verdadeiras para chegar a conclusões falsas, o sr. confessa que êle foi um mau lógico, porque de premissas verdadeiras, com rigor lógico (ou seja, obedecendo-se as regras da Lógica) não é possível chegar-se a conclusões falsas. É possível, na Lógica, isso sim, partir-se de premissas falsas para chegar a uma conclusão verdadeira. Quem diga: «todos os europeus são brasileiros; ora, os paulistas são europeus; logo, os paulistas são brasileiros», partiu de duas premissas falsas e chegou a uma conclusão verdadeira. Assim era possível que as premissas de Kant fôssem falsas. Se a sua conclusão era falsa, não estava ela contida nas premissas. Neste caso, Kant deveria ter estudado melhor Lógica, já que isso não se perdoa nem num estudante de Lógica elementar. Como o sr. não vai querer afirmar que Kant não entendia Lógica, terá de aceitar que as suas premissas eram falsas também. Neste caso, não o libertaria da pecha de mau lógico, porque as premissas falsas são fàcilmente evitáveis. Poderia dizer que eram elas **prováveis.** Se prováveis, como chegar à uma conclusão categórica? Seria outro lamentável êrro de Lógica.

Mas o nosso companheiro ainda alegou mais; mas isso é assunto para outra vez e, então, reproduziremos, tanto quanto possível, o diálogo que se travou entre êles.

Campanha Sistemática de Incultura

É muito comum dizer-se que estamos em época de decadência. Na verdade, tôdas as épocas são de decadência, porque em tôdas elas, há algo que desce, declina, perde sua fôrça criativa, esgota suas possibilidades, mas cria, em suma, novas formas e, com essas, novas possibilidades.

O que é porém, de espantar nessas épocas são aquêles que, conscientemente ou não, ativam-se para apressar, para aumentar, para acelerar essa decadência. Olhemos o mundo de hoje. O conhecimento humano alcançou em extensidade e em intensidade um campo que ultrapassa tudo quanto até então se conhecera. Nosso maior orgulho está no domínio tecnicológico obtido graças a êsse saber teórico bem orientado. O homem domina fôrças da natureza, aproveita-as, desvia-as para seu benefício, invade o mistério que cobria com mantos escuros o segrêdo da terra, mobiliza todo o seu saber nessa obra grandiosa. Mas, ao lado dêsse desenvolvimento grandioso, surgem sempre alguns medíocres que, incapazes de invadir êsse terreno, incapazes de permanecer serenos e senhores de si ante a avalanche de conhecimentos, pregam a ignorância, a incultura, aconselham por todos os meios que desçamos, cada vez, que nos chafurdemos na ignorância, que imitemos aquêles nossos semelhantes que estão entregues ainda à incultura, que nos afastemos de todo saber, que nos animalizemos crescentemente cada vez mais. Nenhum gesto para elevar êsses semelhantes inferiorizados injustamente, torná-los cultos, erguê-los, é feito. Ao contrário, é pregada a ignorância, a incultura, a incompetência. Para êles, o povo não entende o saber. Mas quando o povo o entenderá se descermos à incultura? Não é essa ação, essa atividade, um querer deixar o povo na incultura? Não é essa atitude uma afronta, um crime em prejuízo do próprio povo? Querer descer, não é conservar o que está em baixo? Não é conservar a ignorância? Realmente é. Alegam ainda que é «snobismo» a cultura, como se «snobismo» (**snob** vem de **sin nobilitas,** em latim, que quer dizer sem nobreza, sem distinção), não fôsse precisamente a proclamação da ignorância. O **snob** foi usado para distinguir os que não têm cultura, nem modos, nem educação. Não é **snobismo** ter cultura; **snobismo** é proclamar a valorização da incultura. Êsse **snobismo** surge entre escritores brasileiros que proclamam orgulhosos sua incultura, na realidade mais de atitude do que real. Querem mostrar-se geniais. **Incultos, ignorantes, realizam** suas obras. São compensados, portanto, pela genialidade, pela ciência infusa, que os salva, que os eleva, embora ignorantes. Não é isso ridículo?

Pois bem, essa gente que faz proclamação sistemática da ignorância e da incultura, domina jornais, revistas, etc. É comum **verem-se ignorantes** e medíocres proclamarem a superioridade da ignorância e da mediocridade, a satisfação plena do não-saber, a **felicidade** da ignorância.

Todos aquêles que têm afinidade conosco, que desejam lutar pelo progresso do homem, pela sua superação, devem denunciar sem piedade êsses propagandistas sistemáticos da incultura. E sobretudo por uma razão poderosa: é que essa campanha obedece a intuitos ocultos. Ela trabalha pela dissolução maior da sociedade e pela conservação das massas na ignorância. Dessa forma, êsses medíocres, que pontificam nas letras, poderão amanhã dominar as massas, dirigi-las, torná-las serviçais aos seus desejos, pois, como na terra dos cegos quem tem um ôlho é rei, serão êles, naturalmente, os líderes da multidão. A ciência, o saber, o conhecimento, a cultura das massas hão de libertá-las da situação de massa. Esta passará a ser composta de indivíduos que serão capazes de se dirigirem, de escolherem, porque saberão. E, neste caso, como êsses medíocres poderão pontificar?

O leitor que os observe nos partidos políticos, nos partidos de tendência revolucionária, e verá como medram assustadoramente. O máximo de cultura que concebem para as massas é a sua **politização.** E nessa politização inclui-se apenas a aceitação do catecismo político absolutista que aceitam e a veneração profunda aos líderes (pequenos burgueses medíocres e ressentidos quase sempre). Procure o leitor que logo os achará.

Notas e Comentários

SENSACIONALISMO DO CRIME

Sem dúvida, a maior parte talvez dos leitores lê revistas de quadrinhos. É uma pena, mas antes isso que nada. Já, pelo menos, começa a ler. Outra grande parte, menor que a primeira, lê jornais de esporte, o que já é também alguma coisa. Uma menor parte lê jornais sensacionalistas, que vivem das páginas sangrentas e dos escândalos que exploram, porque fora disto... tudo é silêncio. E, finalmente, há um numero menor que lê alguns matutinos de certa seriedade, revistas especializadas, técnicas e culturais, e livros escolhidos, de melhor qualidade. Tudo isso é verdade, e tem de ser assim, porque a escada sobe-se de degrau por degrau. O que, porém, está preocupando pedagogos e psiquiatras, além de pais de família responsáveis, é a exploração desenfreada do crime, que certos pasquins se empenham em fazer, que está gerando um estímulo ao crime, perturbando o equilíbrio emocional da juventude, e provocando imitadores, que são encontrados na grande camada de débeis mentais que prolifera cada vez mais. Buscam organizar uma campanha que promova uma completa modificação no modo de atuar de tais pasquins. E lembram-se, então, da autoridade política. Mas, Santo Deus, a autoridade política é a última a quem uma pessoa de bom senso pode lembrar-se de apelar. O que se pode desejar de tais «autoridades» é que não perturbem mais a humanidade. Julgar que possam fazer alguma coisa de bom, é lêdo engano. Para terminar com tais jornais, aconselhem ao leitor não adquiri-los. Faça-se uma campanha de esclarecimento, animem-se as pessoas a não lerem tais pasquins, que êles acabarão à míngua de leitores. Tais jornalistas existem, porque há leitores, senão desapareceriam do mercado para bem de todos. Convençam aos pais que se não querem fomentar o crime, que não abriguem em suas casas tais jornais. Falem às mulheres, às mães, porque a mulher tem um senso mais profundo de responsabilidade que o homem. E então, caminha-se para algo melhor. Nunca se esqueça da regra: as características de nossa vida social é proporcionada ao que somos. Se bons, tudo correrá bem; se corretos, haverá correção; se patifes, tudo será patifaria. Não adianta querer efeitos desproporcionados com as causas, porque é ontològicamente impossível (ouviram, srs. agnósticos? Ontològicamente impossível!).

QUEM É O NOSSO LEITOR?

Sabemos, perfeitamente, que os ignorantes atrevidos, analfabetos ilustres, agnósticos impenitentes, idólatras de figuras equívocas da modernidade que, à semelhança de outras épocas, surgem meteòricamente como corifeus do conhecimento e que deixarão, depois, um rastro de sombra, a provocar o espanto das gerações futuras, que não saberão mais porque foram tão admiradas, em suma, os niilistas de quase tôdas as espécies não se alinharão entre os nossos leitores. Conseqüentemente, de início, o número dos que nos acompanharão será diminuto, mas crescerá cada vez mais. Crescerá, porque compreenderão que nós escolhemos a boa luta, que a nossa agressividade se justifica, que temos de dar o «nome aos bois» e denunciar os que se alinharam do lado da dissolução, da negatividade, porque desejamos uma humanidade positiva (por favor, não confundam com positivista!) Ésses, que serão nossos leitores, orgulhar-se-ão de seu jornal, e o difundirão.

Se êste jornal corresponde ao que desejava, ajude a difundí-lo, obtendo leitores do mesmo grau que o seu.

O preço dêste número é Cr$ 100,00

Notas e Comentarios

NOSSA PROPAGANDA NO EXTERIOR

Os brasileiros de melhor formação moral e cívica, que viajam pelo estrangeiro, espantam-se de que seja a nossa terra conhecida no mundo, através apenas de alguns lugares-comuns do século passado, como «país de jacarés», onde «serpentes atravessam ruas e tragam crianças e homens», índios nus e antropófagos, batuques e congadas e, dêste século, carnaval, Pelé e Brasília, e nada mais. E é natural que se desgostem por tais coisas todos os que não têm culpa que tal aconteça. Sim, por que teria o leitor culpa de tais coisas? A quem cabe a nossa propaganda no estrangeiro? A adidos culturais, e outros, de nossas embaixadas, na maioria literatos malogrados, ineficientes e improdutivos, incensados por seus pares, julgados, depois, suficientes para assegurar uma gorda sinecura, e permanecerem deglutindo os nossos raros dólares, prestando homenagens ao estrangeiro, incensando tudo quanto é de origem européia, e até ridicularizando as nossas coisas, inclusive declarando aos amigos sua «vergonha de ser brasileiro». Que tais senhores façam um exame de consciência, olhem para si mesmos ante um espêlho, e digam a si mesmos que nada do que se diz aqui é verdade. Não enfrentarão a si mesmos, porque ante nós mesmos sabemos quando mentimos, pois somos nós mesmos o mais difícil de enganar.

DO BREVIÁRIO DO **HOMEM LIVRE**

Amor à própria dignidade.

Lutar pela elevação intelectual de si mesmo.

Viver à luz, e enfrentar os obstáculos.

Afrontar as dificuldades com estoicismo.

Compreender que a dor não mata e pode fortalecer o ânimo.

Enfrentar até o impossível e compreender que o desafio é para ser aceito.

O difícil é o caminho do progresso. Superar é a grandeza do homem.

Traçar para si o próprio destino.

Nada mais belo que contemplar o mundo do alto das montanhas.

DO BREVIÁRIO DO **RATO**

Amor à adaptação às condições adversas.

Erguer-se apenas pela conquista de maior soma de queijo e toucinho.

Viver nas sombras, nos esconderijos, e evitar a presença do gato.

Contornar as dificuldades com astúcia e manha.

Chiar ante a dor, procurar os estupefacientes, buscar os prazerzinhos viciosos.

Afastar-se dos obstáculos. Fugir ao desafio. Não convém comprometer-se. O buraco é o melhor esconderijo.

O caminho mais fácil é o melhor. Encolher-se bem, reduzir-se de tamanho quando convém, é a mais sábia das práticas.

Aceitar as contingências e conformar-se.

Nada mais belo que considerar o mundo de dentro do buraco.

(continuará)

VILA-LOBOS

Há dias os jornais noticiaram que um regente de orquestra, do estrangeiro, desejoso de executar obras de Vila-Lobos, por desconhecer-nos, julgou, em sã razão, mas em oposição aos fatos, que nada melhor do que dirigir-se ao Brasil, pátria do grande compositor, onde encontraria, fàcilmente, o que desejava. Puro engano. Aqui nada conseguiu. Lembrou-se, então, da Alemanha, país organizado, e exemplo de disciplina, e lá obteve tudo quanto precisava e, também, a informação de que não deveria perder tempo em buscar elementos no Brasil, porque, êste país era a região **onde menos se conhecia Vila-Lobos.** E é verdade. Êsse grande compositor, colocado na primeira plana dos compositores do século, é, no Brasil, quase um ilustre desconhecido, e mais: continua-se, apesar de já haver êle morrido, a campanha do silêncio. E quem a faz e quem a alimenta? Músicos sem inspiração e sem valor, que vivem apenas dos elogios de seus pares, das oportunidades criadas à volta das tetas do govêrno e de uma publicidade fácil que jornais inadvertidos favorecem. Caro leitor, procure conhecer Vila-Lobos, fazer-lhe justiça, e terá, então, orgulho de ser brasileiro, porque há brasileiros, outros, sem dúvida, que não são êsses que se apresentam como o pináculo da glória nacional, na verdade ludíbrios da nossa inteligência.

Difunda êste jornal, adquirindo-o em sua redação e distribuindo pelos amigos.

Êste é um jornal de cultura. Deve o leitor compreender que sua divulgação não será facilitada pelos meios comuns.

Foi composto e impresso na Gráfica e Editôra Minox a Av. Conceição, 645